

## 6 POETAS NORTE-AMERICANOS CONTEMPORÂNEOS

Traduzidos por **Luiz Antônio Gusmão**

**Susan Stewart**

### GELO E ESTRELAS AMARELAS

Eu estou longe como, entre nuvens, o céu mais profundo  
e tu estás longe como a raiz e a ferida mais profundas,  
estou longe como o trem ao fim da tarde,  
tão longe como silvo que não podes ouvir ou lembrar.  
Estás longe como um animal inimaginável  
que, amedrontado por tudo, nunca aparece.  
Estou longe como grilos e cigarras  
e estás longe como a flecha mais límpida  
que costurou o vento na luz sobre  
as bétulas. Estou longe como o sono dos rios  
que borra, entre nuvens, o céu mais profundo,  
tu estás longe como invenção; eu, como recordação.

Estás longe como um riacho vermelho-sangue  
onde crianças cortam os pés nas pedras  
e choram. E estou longe como suas mães  
felizes, a estender roupas brancas na grama  
e a cantar: “Estás tão longe como outra vida,  
Como outra vida tão longe estás.”  
E estou longe como um alfabeto infinito  
feito de gelo e estrelas amarelas,  
e estás longe como as unhas do morto,  
tão longe quanto um marujo enxerga à noite  
quando está bêbado e a lua é um copo vazio,  
eu estou longe como invenção; tu, como recordação.

Estou longe como os cantos de uma sala em que ninguém  
nunca falou, tão longe como os quatro cantos perdidos  
do mundo. E estás longe como a voz  
dos mudos, como os membros quebrados de santos  
e soldados, como a asa escarlate do melro-preto  
suicida, eu estou longe, cada vez mais longe de ti.  
E estás tão longe quanto um cavalo sem cavaleiro  
pode correr em seis anos, dois meses e cinco dias.  
Estou tão longe como aquele cavaleiro, que esfrega os olhos  
com as mãos calejadas, que assiste a um fantasma tomar-lhe

a capa e as botas, e que agora resta nu na estrada.  
Tão longe como o espaço entre uma palavra e outra,  
como o pesado sono do perfeitamente amado  
e a sirenes das guerras que os vivos não recordam,  
tão longe como esta sala, onde não se proferiu palavra,  
tu estás longe como invenção; eu, como recordação.

## YELLOW STARS AND ICE

I am as far as the deepest sky between clouds  
and you are as far as the deepest root and wound,  
and I am as far as a train at evening,  
as far as a whistle you can't hear or remember.  
You are as far as an unimagined animal  
who, frightened by everything, never appears.  
I am as far as cicadas and locusts  
and you are as far as the cleanest arrow  
that has sewn the wind to the light on  
the birch trees. I am as far as the sleep of rivers  
that stains the deepest sky between clouds,  
you are as far as invention, and I am as far as memory.

You are as far as a red-marbled stream  
where children cut their feet on the stones  
and cry out. And I am as far as their happy  
mothers, bleaching new linen on the grass  
and singing, "You are as far as another life,  
as far as another life are you."  
And I am as far as an infinite alphabet  
made from yellow stars and ice,  
and you are as far as the nails of the dead man,  
as far as a sailor can see at midnight  
when he's drunk and the moon is an empty cup,  
and I am as far as invention and you are as far as memory.

I am as far as the corners of a room where no one  
has ever spoken, as far as the four lost corners  
of the earth. And you are as far as the voices  
of the dumb, as the broken limbs of saints  
and soldiers, as the scarlet wing of the suicidal  
blackbird, I am farther and farther away from you.  
And you are as far as a horse without a rider  
can run in six years, two months and five days.  
I am as far as that rider, who rubs his eyes with  
his blistered hands, who watches a ghost don his  
jacket and boots and now stands naked in the road.

As far as the space between word and word,  
as the heavy sleep of the perfectly loved  
and the sirens of wars no one living can remember,  
as far as this room, where no words have been spoken,  
you are as far as invention, and I am as far as memory.

## May Swenson

### PERGUNTA

Corpo minha casa  
meu cavalo meu cão  
que hei de fazer  
quando estiveres no chão

Onde hei de dormir  
Como irei cavalgar  
O que vou caçar

Para onde irei  
Sem montaria  
bem ávido e rápido  
Como hei de saber  
se nas moitas à frente  
há perigo ou tesouro  
quando Corpo meu bom  
e fiel cão morrer

Como será  
deitar-me no céu  
sem teto nem porta  
nem janela para olhar

Com nuvens a passar  
como me esconder?

### QUESTION

Body my home  
my horse my hound  
what will I do  
when you are fallen

Where will I sleep  
How will I ride  
What will I hunt

Where can I go  
without my mount  
all eager and quick  
How will I know

in thicket ahead  
is danger or treasure  
when Body my good  
bright dog is dead

How will it be  
to lie in sky  
without roof or door  
and wind for an eye

With cloud for shift  
how will I hide?

## Kay Ryan

### PACIÊNCIA

A paciência é mais  
vasta do que  
já se imaginou:  
com suas faixas  
de rios  
e longas  
distâncias,  
tarefas assumidas  
e cumpridas  
com discreta  
satisfação por  
nativos em suas  
vestes nativas.  
Quem poderia  
imaginar  
ser possível  
que a espera  
fosse suportável –

um lugar com  
suas próprias colheitas.  
Ou que na  
plenitude das horas  
os diamantes  
da paciência  
seriam  
indistinguíveis  
dos verdadeiros  
em brilho  
e dureza.

### **PATIENCE**

Patience is  
wider than one  
once envisioned,  
with ribbons  
of rivers  
and distant  
rangers and  
tasks undertaken  
and finished  
with modest  
relish by  
natives in their  
native dress.  
Who would  
have guessed  
it possible  
that waiting  
is sustainable—  
a place with  
its own harvests.  
Or that in  
time's fullness  
the diamonds  
of patience  
couldn't be  
distinguished  
from the genuine  
in brilliance  
or hardness.

## Donald Hall

### OURO

Ouro claro das paredes, ouro  
dos cernes de margaridas, rosas amarelas  
comprimidas em um jarro claro. O dia inteiro  
passamos na cama, minha mão  
colhendo o profundo  
ouro de suas costas e quadris.  
Nós dormimos e despertamos,  
adentramos juntos a sala dourada,  
nela deitamos, respirando  
rápido, então  
devagar novamente,  
acariciando e adormecendo, sua mão sonolentemente  
toca meu cabelo agora.

Nós construímos naqueles dias  
pequenas e idênticas salas em nossos corpos  
as quais os homens que descobrirem nossos túmulos  
encontrarão daqui a mil anos  
repletas e brilhantes

### GOLD

Pale gold of the walls, gold  
of the centers of daisies, yellow roses  
pressing from a clear bowl. All day  
we lay on the bed, my hand  
stroking the deep  
gold of your thighs and your back.  
We slept and woke  
entering the golden room together,  
lay down in it breathing  
quickly, then  
slowly again,  
caressing and dozing, your hand sleepily  
touching my hair now.

We made in those days  
tiny identical rooms inside our bodies  
which the men who uncover our graves  
will find in a thousand years,  
shining and whole.

## Mark Strand

### EM CELEBRAÇÃO

Tu te sentas numa cadeira, nada te toca, sentes  
este velho ser tornar-se um mais velho ser, imaginas  
toda a paciência da água, o tédio da lápide.  
Pensas que o silêncio é a página extra,  
pensas que nada é bom ou mau, nem mesmo  
a escuridão que preenche a casa enquanto sentado tu a assistes  
acontecer. Já viste isto acontecer antes. Teus amigos  
passam pela janela, suas faces encardidas de remorso.  
Queres acenar-lhes, mas não podes erguer a mão.  
Tu te sentas numa cadeira. Olhas para a erva-moura  
que espalha uma rede venenosa ao redor da casa. Provas  
o mel da ausência. É o mesmo onde quer que estejas,  
o mesmo mel se a voz apodrece antes  
do corpo, ou se o corpo é que apodrece antes da voz.  
Sabes que o desejo leva apenas ao remorso, que  
o remorso leva à realização que por sua vez leva ao vazio.  
Sabes que isto é diferente, que isto  
é a celebração, a autêntica celebração,  
que consagrando-te a ti mesmo ao nada,  
serás curado. Sabes que há deleite em sentir  
os pulmões se prepararem para um futuro obscuro,  
por isso aguardas, fixas o olhar e aguardas; a poeira assenta  
e as milagrosas horas da infância brincam na escuridão.

### IN CELEBRATION

You sit in a chair, touched by nothing, feeling  
the old self become the older self, imagining  
only the patience of water, the boredom of stone.  
You think that silence is the extra page,  
you think that nothing is good or bad, not even  
the darkness that fills the house while you sit watching  
it happen. You've seen it happen before. Your friends  
move past the window, their faces soiled with regret.  
You want to wave but cannot raise your hand.  
You sit in a chair. You turn to the nightshade spreading  
a poisonous net around the house. You taste  
the honey of absence. It is the same wherever  
you are, the same if the voice rots before  
the body, or the body rots before the voice.  
You know that desire leads only to sorrow, that sorrow

leads to achievement which leads to emptiness.  
You know that this is different, that this  
is the celebration, the only celebration,  
that by giving yourself over to nothing,  
you shall be healed. You know there is joy in feeling  
your lungs prepare themselves for an ashen future,  
so you wait, you stare and you wait, and the dust settles  
and the miraculous hours of childhood wander in darkness.

## Gregory Orr

### QUÃO BELA A AMADA

Não serve o soldado  
Ao estado? Não é esse o seu  
Trabalho? Acaso não  
Sonha com feitos heróicos  
Ou em dar sua vida  
Para proteger a família?

O poeta a quem serve?  
O poeta serve à poesia  
Cuja forma é a amada  
Que pede, não sangue, mas amor.

Breve começará a batalha.  
Sempre é véspera de batalha.  
Teremos a coragem que precisamos?

O Livro bem seguro, as páginas  
Que marcaste com carinho.  
Serás bravo o bastante para falar?

\*

Nós poetas estamos sempre  
Enchendo nossas taças  
No rio de Heráclito,  
Bebendo à sua saúde,  
Brindando com os óculos  
Levantados.  
Sabemos  
Que uma só gota dele  
Santifica todo um

Galão de vinho.

Sabemos que é o profundo  
Rio do mundo e suas  
Ondas através de  
Cada página do Livro.

Nós sabemos que a amada  
É um castor que mergulha  
De sua represa e rodopia  
Nos redemoinhos da correnteza.

Ou curva-se sobre seus  
Baixios como uma garça  
Pronta para nos capturar,  
Os peixinhos, com o bico.

\*

O Livro disse que somos mortais;  
Ele não disse que devemos ser mórbidos.

O livro disse que a amada morreu.  
Mas também que ela retornará,  
Que renascerá como palavras.

O Livro disse: tudo perece.  
O Livro disse: é por isso que cantamos.

\*

Quando a amada  
Está para um blues,  
Não há vivas que lhe animem,  
Não há quem a levante  
Das profundezas.

Quando a amada  
É o blues,  
Não há quem a contenha,  
Não há quem abafe sua voz  
Que vibra nas  
Ondas do rádio —  
Um lamento baixinho e um grito  
Alto.  
Ela é a guitarra que soa  
Como o trem que vai

Deixando a cidade.  
O grito e o lamento —  
Onde está preso o teu amor?

\*

Tudo o que é gerado deve apodrecer:  
Está escrito em algum lugar  
No fundo de nós,  
Inscrito em nossos ossos.

Nós o sabíamos muito antes  
De que pudéssemos ler;  
Nós o ouvimos já  
No útero da mãe  
Como o ritmo de uma canção:  
Presença, depois, ausência;  
Amor, e então, perda.

Como dançávamos então  
Àquela melodia,  
Sem nunca nos incomodar em  
Perguntar se isso era alegre ou triste  
Porque sabíamos que era verdade.

\*

Praxila, poeta grega  
quase esquecida — esse poema,  
Ela o pôs no Livro.

É sobre Aquiles morto  
E alguns o consideraram  
Indigno por causa da forma com que  
Ela o faz nos contar  
Desde aquele sombrio  
Além-mundo que os gregos  
Imaginaram até mesmo  
Para seus heróis — nos contar  
Aquilo de que mais sentia falta —  
Seu poema, uma breve lista:

As estrelas, a lua, o sol  
E o gosto de pepinos maduros.

\*

Não te incomodes em procurar  
Pelo Livro na biblioteca:  
Está sempre emprestado.  
Pelo que deves ter concluído  
Que ninguém jamais o devolve.

Melhor seria coligir  
Tua própria versão:  
Poemas e canções  
Que amas — aqueles  
Que o salvaram quando  
Fostes jovem  
E sofrestes; e também  
Aqueles que o consolaram  
Quando envelheceste.

\*

O que ou quem o Livro  
Exclui?  
Nada nem ninguém.  
Nem uma só folha de árvore.  
Nem um cílio.  
Nem uma só lágrima ou sorriso.

Ele acolhe todos os amados.  
Cobre-os,  
Dá-lhes forma de palavras.

Depois os devolve,  
Devolve-os para o mundo.

\*

Deixar passar, quando tudo o que queres é reter.  
Partir, quando tudo o que queres é ficar.

Quase tudo que está no Livro foi escrito  
Em um dia assim:

Alguém permanecendo;  
Alguém partindo.

Alguém que se cala;  
Alguém que tem de falar.

\*

Louvar toda a criação, louvar todo o mundo:  
Esse é nosso trabalho — manter  
Sua doce máquina rodando  
Tão suave como lhe for possível.

Consertando com palavras onde ela se desgasta,  
Onde ela se quebra.

Com palavras e canções, mantê-la funcionando.  
Com carícias sussurradas, lubrificar suas engrenagens.

\*

Isto é o que nos foi legado:  
Esta terra que a amada deixou  
E, deixando-a,  
Nos deixou.

Não outro mundo,  
Mas este mesmo:  
Os salgueiros, o rio  
E a fábrica  
Com chaminés negras.

Não outra margem, apenas este baixio  
Onde os vivos se reúnem.

Nenhum significado senão o que encontramos aqui.  
Nenhum propósito senão o que tomamos para nós.

Isso e as instruções claras da amada:  
Me transforme em uma canção; cante para me despertar.

\*

Quando meu olhar se desvia  
Da página,  
Vejo quão mortal  
Eu sou: minha mão manchada  
Repousa sobre o tampo da mesa  
Como uma coisa cansada que adormece.

Quando leio o poema em  
Voz alta, minha mão revive.  
Ela quer dançar  
No ar no tempo

Para as palavras.  
Ela quer  
Fazer um gesto impetuoso  
Como se retirasse teias  
Ou então abrisse  
Uma pesada cortina  
Para revelar o mundo.

## HOW BEAUTIFUL THE BELOVED

Doesn't the soldier serve  
The state? Isn't that his  
Or her job? Doesn't  
He dream of heroic deeds,  
Or she of giving her life  
To protect her family?

Who does the poet serve?  
The poet serves poetry,  
Whose form is the beloved,  
Who asks not blood but love.

Soon the battle will begin.  
Always, it's the eve of battle.  
Do we have the courage we need?

The Book held close, the pages  
You cherish clearly marked.  
Will you be brave enough to speak?

\*

We poets are always  
Dipping our cups  
In Heraclitus' river,  
Drinking its health,  
Toasting it with raised  
Glasses.  
We know  
A single drop of it  
Sanctifies an entire  
Gallon of wine.

We know it's the deep  
Stream of the world  
And surges through  
Every page of the Book.

We know the beloved  
Is an otter that dives  
From its banks, frolics  
In its swirling currents.

Or bows above its  
Shallows as a heron,  
Ready to seize  
The minnow of us in her beak.

\*

The Book said we were mortal;  
It didn't say we had to be morbid.

The Book said the beloved died,  
But also that she comes again,  
That he's reborn as words.

The Book said: everything perishes.  
The Book said: that's why we sing.

\*

When the beloved  
Has the blues—  
No cheering her up,  
No lifting him  
From the dumps.

When the beloved  
Is the blues,  
No keeping her down,  
No muffling his voice.  
It sounds out  
Over the radio waves—  
A low moan and a high  
Yell.  
She's the guitar  
Sound like the train  
Leaving town.  
Moan and yell—  
Where is your baby bound?

\*

All that's begotten must rot:  
That's written somewhere  
Deep inside us,  
Inscribed on our bones.

We knew it long before  
We could read;  
Heard it first  
In our mother's womb  
As a pulse of song:  
Presence, then absence,  
Love, then loss.

How we danced even then  
To that tune,  
Never bothering to ask  
If it was sad or happy,  
Because we knew it was true.

\*

Praxilla, almost-forgotten  
Greek poet—that poem  
She put in the Book.

It concerns dead Achilles  
And some considered it  
Undignified—the way  
She had him speak to us  
From that cheerless  
Afterworld the Greeks  
Imagined, even  
For their heroes—speak  
Of what he missed—  
Her poem a little list:

Stars and moon and sun  
And the taste of ripe cucumbers.

\*

Don't bother to ask  
For the Book at the library:  
It's always checked out.  
You'd have to conclude  
No one ever returns it.

Better to put together  
Your own version:  
The poems and songs  
You love—the ones  
That saved you when  
You were young  
And suffered; and also  
Those that consoled you  
When you were older.

\*

What or who does the Book  
Exclude?  
No one and nothing.  
Not a single leaf on a tree.  
Not an eyelash.  
Not a tear or a smile.  
It welcomes all the beloveds.  
Shelters them,  
Shapes them into words.

Then gives them back,  
Gives them back to the world.

\*

Letting go, when all you want is to hold.  
Turning away, when all you want is to stay.

Almost all that's in the Book was written  
On just such a day:

Someone remaining;  
Someone going away.

Someone becoming silent;  
Someone who must say.

\*

Praising all creation, praising the world:  
That's our job—to keep  
The sweet machine of it  
Running as smoothly as it can.

With words repairing, where it wears out,

Where it breaks down.

With songs and poems keeping it going.  
With whispered endearments greasing its gears.

\*

This is what was bequeathed us:  
This earth the beloved left  
And, leaving,  
Left to us.

No other world  
But this one:  
Willows and the river  
And the factory  
With its black smokestacks.

No other shore, only this bank  
On which the living gather.

No meaning but what we find here.  
No purpose but what we make.

That, and the beloved's clear instructions:  
Turn me into song; sing me awake.

\*

When my gaze strays  
From the page,  
I see how mortal  
I am: my mottled hand  
Resting on the tabletop  
Like a tired thing sleeping.

When I read the poem  
Aloud, my hand revives.  
It wants to dance  
In the air in time  
To the words.  
It wants  
To make a sweeping gesture  
As if clearing cobwebs  
Or yanking back  
A heavy curtain  
To reveal the world.

**Susan Stewart** (1952), crítica, tradutora e professora da Universidade de Princeton. Seu livro de poesias *Columbarium* (2003) recebeu o *National Book Critics Circle Award*.

**May Swenson** (1913-1989), poeta e dramaturga, natural de Utah. De ascendência sueca, traduziu poetas contemporâneos como Tomas Transtomer. Sua poesia é marcada por forte erotismo e cadência rítmica.

**Kay Ryan** (1945), natural da Califórnia, sua poesia é elíptica, intensa e concisa. Foi nomeada Consultora de Poesia da Biblioteca do Congresso em 2008.

**Donald Hall** (1928), além de 15 livros de poesia, também é autor de peças, histórias infantis, contos, biografias e memórias. Dominando tanto as formas fixas quanto o verso livre, a simplicidade de sua poesia leva críticos a filiá-lo à tradição frostiana da oralidade do homem do campo.

**Mark Strand** (1930), ensaísta e tradutor norte-americano, natural de Summerside, Canadá. Lecionou na então Universidade do Brasil (atual UFRJ), como bolsista Fullbright (1965-66). Traduziu poemas de Carlos Drummond de Andrade (*Souvenir of the Anciente World*, 1976; *Traveling in the Family*, 1986). Recebeu os prêmios Pulitzer (1999) e Wallace Stevens (2004).

**Gregory Orr** (1947), natural de Albany, professor da Universidade de Virgínia. É autor de nove livros de poesia, concebendo-a como uma forma de sobreviver ao caos emocional e aos eventos traumáticos inerentes à vida.

**Luiz Antônio Gusmão**, natural do Recife/PE, é mestre em Ciência Política (IUPERJ) e doutorando em Relações Internacionais (UnB).